Ruy o escudeiro: Conto

Luís da Silva Mousinho de Albuquerque

MUNDO DE LIBROS

vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Ruy o escudeiro: Conto

Luís da Silva Mousinho de Albuquerque

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano. Para comentários à transcrição visite http://pt-scriba.blogspot.com/ (This book was produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

RUY O ESCUDEIRO.

Conto.

POR

L. DA S. MOUSINHO D'ALBUQUERQUE.

Remedios contra o somno buscar querem,
Historias contão, casos mil referem.
Camões, Lusiadas, Canto 6.º, Est. 39.ª

LISBOA: 1844.

Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis. Largo do Pelouriho, N.º 24.

O manuscripto original do presente Poema foi dadiva generosa de seu illustre Auctor, feita á Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, que desejando corresponder a tão obsequioso offerecimento empenhou os recursos artisticos, de que podia dispor, para que a edição fosse primorosa, e provasse o adiantamento da gravura em madeira e da typographia em Portugal nestes ultimos annos.

Os Editores.

RUY O ESCUDEIRO.

CANTO PRIMEIRO.

Desbaratado, e roto o mouro hispano,
Tres dias o grão Rei no campo fica.
Camões, Lusiadas, C. 3.º, E. 53.ª

A Cruz azul, que em campo prateado
No escudo de Henrique reluzia,
Em cinco o Filho já tinha cortado
Por memoria dos Reis, que roto havia:
De Castro-verde o campo dilatado
O novo Rei com o arraial cobria,
Livres os seus, e os mouros fugitivos,
Partião os despojos, e os captivos.

Do arraial no meio se elevava
Do grande Affonso a lenda triumfante,
Em torno á qual o vento balançava
As dos Cabos do Exercito prestante,
De Pero Pais, que seu pendão guiava,
Dos Venégas do Aio prole ovante,
De um Sousa, de um Vallente, e de outros fortes
Nos perigos, e na gloria ao Rei consortes.

Em seguida á do Rei se distinguia
Tenda semi-real, que alli plantára
Heroe, cujo valor não desmentia

O sangue da Borgonha, que o formára;
Pedro Affonso, a quem déra a luz do dia
Amor, que o hymineo não consagrára,
Digna estirpe de Henrique, e em obras suas
Galardão do cuidado ao aio Fuas.

No circumstante campo, vasto, aberto,
Que inda ha dois sóes medroso, e trepidante
Víra a furia cruel, conflicto incerto
Do Sarraceno em lanças abundante
Contra o Christão, que anima o Chefe experto,
E no Deus de seus pais a fé constante,
Trombetas, e ataballes uns tangiam,
Outros em novo canto assim diziam.

HYMNO.

Vai fugindo o Sarraceno
Mais prompto do que avançou,
Que todo o poder terreno
Por Christo desbaratou
O braço aos perros fatal
De Affonso de Portugal.

Cada um dos Cavalleiros,
Que por Christo ao campo vem,
Cem dos infieis guerreiros
Na peleja ante si tem;
Mas tudo cede ao real

Affonso de Portugal.

Cinco Reis de infieis mouros
Contra os de Christo vieram,
D'elles teve Affonso os louros,
As costas a Affonso deram,
Deu Deus esforço immortal
A Affonso de Portugal.

Sobre o campo da victoria,
Onde Christo lhe appar'ceu,
E pr'a o escudo em memoria
As proprias Chagas lhe deu,
Ao throno alcemos real
Affonso de Portugal.

Este Heroe, que Deus ajuda
Tome a nossa vassallagem:
Sempre ao povo seu acuda
Ou Elle, ou sua linhagem:
Seja pr'a sempre real
A coroa de Portugal.

Sempre entro nós haja Rei
Natural de nossa terra,
Que na paz conduza a grei,
E que a defenda na guerra,
Qual o primeiro real
Affonso de Portugal.

Em quanto uns assim cantam dos soldados,

Vão outros pelo campo divagando:
Estes colhem despojo inda espalhado,
Aquelles secco matto vão cortando;
Ascende ao ár o fumo, que enrolado
Das accezas fogueiras vem manando,
Onde est'outros preparam o alimento
Dos membros lassos próvido sustento.

Já o Sol menos ardente
Para o ponente descia,
Temperando a calma do dia
A fresca brisa nascente,
No occaso reluzente,
De ouro e de purpura ornado,
Guarnece o ceo azulado
A orla de nevoa espessa,
Novo dia que arremessa
Pintando um dia acabado.
Tinha chegado
A hora amena,
Nos nossos climas
Tão suave, tão doce, e tão serena,
Hora, que em tempos
De paz dourada,
Dos lavradores
É tão presada;
Quando termina
Do dia a lida,

Quando o descanço
Restaura a vida.
Sopra da tarde
Grata frescura
Reanimando
Murcha verdura.
Vem o novilho,
Já libertado
Do duro jugo,
Pascer no prado.
Sobem dos campos
Os segadores.
Ledos cantando
Ternos amores.
Gentil mancebo,
Que amor encanta,
Ao som das córdas
As penas canta,
Em quanto em giros
Linda pastora
Co'a dança leve
Mais o namora,
Hora sem par, em que o cadente dia
Traz repouso, ternura, e alegria!

Pedro Affonso no emtanto, em cujo peito
A pár da intrepidez móra a piedade,
Guerreiro sem igual, Christão perfeito,

Vai demandando a erma soledade
Do provecto Ermitão, asilo estreito
Onde fugindo as pompas, e a vaidade,
A Deus e á penitencia consagrára
O venerando velho a vida cára.

N'uma colina, apenas exalçada
Sobre a vasta planicie calorosa,
Uma exigua Capella era elevada
N'aquella idade barbara, e piedosa:
Do velho Ermita a cellula acanhada
Jazia ao lado, uma sobreira annosa,
Co'a larga rama o tecto protegia,
E do profano olhar a defendia.

Ante a porta do sacro monumento
Com toscos páus estava retratado
O sacrosanto lenho do tormento,
Em que o Filho de Deus fôra pregado:
Dentro sculptado via-se o momento
Em que o Corpo sem vida, reclinado
Da Mãi nos braços, vai, qual creatura.
O Creador baixar á sepultura.

Alli da noute na primeira vela
P'ra o Rei, do sacro livro possuido,
A campana soou, que o tempo assella
Do celeste Emissario promettido,
P'ra que em luz, que a do Sol mais clara e bella
Fosse Christo por elle percebido,

Promettendo-lhe a coroa, e a victoria
Da sua estirpe, e do seu povo a gloria.

Naquelle instante o velho venerando,
De giolhos aos pés da Cruz alçada,
Estava o fim do dia consagrando,
Como do dia consagrára a entrada.
Raros alvos cabellos fluctuando
Se viam sobre a frente despojada;
E a barba, que lhe o vento sacudia
Em ondas, sobre o peito lhe descia.

Na piedosa oração todo engolfado
Estava o santo velho por tal sorte,
Que nem sequer sentiu chegar-lhe ao lado,
Do Escudeiro seguido, o Varão forte.
Pedro Affonso parou, seu peito, armado
De audacia contra os perigos, contra a morte,
Toca a vista do Ermita por tal geito,
Que não sabe se é medo, se respeito.

Mas o moço Escudeiro, que o seguia
Bem diversa impressão experimentava,
Do Ermita a quietação, quasi a apathia
Da sua alma c'o estado contrastava;
Em seu peito um volcão latente ardia,
Dos desejos no pelago nadava,
Estava n'essa idade, em que o repouso
É não só mal; mas mal o mais penoso.

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com